

Rodrigo Goecks Santos

# O LIVRO DA LIBERDADE



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2022

# Sumário

Capítulo I: O Livro da Liberdade	1
Capítulo II: Os dragões	9
Capítulo III: A liberdade	17
Capítulo IV: O dragão do ego	29
Capítulo V: O dragão da vida exterior	45
Capítulo VI: O dragão das crenças, padrões e hábitos	67
Capítulo VII: O dragão das respostas	89
Capítulo VIII: O dragão da simpatia e da antipatia	111
Capítulo IX: O dragão da inércia	137
Capítulo X: O dragão da tecnologia	151
Capítulo XI: O pensar com o coração e o sentir com a razão	171
A origem deste impulso e agradecimentos	197
Índice	201

## CAPÍTULO I



# O Livro da Liberdade

QUERIDO NETO, FICO FELIZ QUE TENHA ENCONTRADO ESTE LIVRO. Ele é seu!

Lembra-se de quanto tempo passávamos juntos montando quebra-cabeças gigantes? Com uns dez anos de idade, você não queria interromper a brincadeira para comer ou dormir. Passávamos horas separando as peças por cor, experimentando, errando e acertando. Em um daqueles dias, seu cachorrinho passou por cima e desfez mais de quatro mil pecinhas já montadas. Você chorou, pestanejou, mas logo depois se recompôs. Juntou as peças espalhadas por todo o chão e recomeçou. Como diria Aristóteles, “*A esperança é o sonho do homem acordado*”.



Ao final da lida, com todo aquele quebra-cabeças ordenado, seu sorriso era a melhor das recompensas.

**O Livro da Liberdade** é o seu presente. Nele reuni peças de um novo quebra-cabeças, bem diferente e talvez mais instigante dos que costumávamos montar. Você poderá compor e descobrir imagens essenciais. Aliás, algumas vezes se configurará mais como um mosaico, em que será necessário retirar algum fragmento para inserir outros. Você deve estar se perguntando: por que um livro da liberdade? Então eu lhe pergunto: a liberdade é algo importante para você? O quão somos realmente livres? Bem, antes preciso lhe contar uma antiga estória sobre dragões, que certa vez escutei de uma amiga. Ela a viu ilustrada em um grande tríptico eslavo, um quadro composto de três partes contínuas.

A primeira parte do tríptico revelava a imagem de um aterrorizante dragão acometendo uma pequena aldeia. A cada mudança de estação, após o crepúsculo, o dragão adentrava à aldeia, enfrentava seus moradores e raptava uma virgem para se alimentar. Os aldeões, após diversas batalhas perdidas contra o inimigo, lamuriavam-se sem esperanças. Já haviam contratado valentes e famosos dragoeiros que, sem sucesso, tinham fracassado no esforço de eliminar o dragão. Certo dia, chegou aos ouvidos dos moradores que havia um sábio dragoeiro chamado Miguel. Segundo investigações, esse era o mais talentoso dragoeiro de todos os tempos e ele, somente ele, era capaz de resolver o problema da desafortunada aldeota.



A cena do segundo quadro ilustra o dragueiro Miguel próximo à entrada de uma caverna, pousado em uma pedra, rodeado por uma densa vegetação, a dialogar com o dragão. Após chegar na aldeia, todos os dias, ao raiar do sol, o dragueiro caminhava até a porta da caverna e, despido de qualquer armamento, empenhava-se em conversar com o malfeitor. Os aldeões, inconformados, não entendiam o que ali se apresentava. Esperavam ver Miguel armado até os dentes a enfrentar com sucesso o seu oponente. Contudo, desenganados e sem mais opções, aguardaram por semanas o desenrolar daquela estranha circunstância. Nas primeiras semanas, o dragão arredio e desconfiado, não saía de sua caverna para ter-se com o dragueiro. Porém, o perseverante Miguel permaneceu em sua sina até que o dragão começou a dialogar. As conversas foram se desenvolvendo quando, depois de vários nasceres de sol, o dragão começou a confiar naquele homem.

Miguel, então, convidou o dragão: *“Venha comigo conhecer a aldeia à luz do dia. Assim terá um novo olhar sobre o que lhe parece assustador durante a noite, e que te faz atacar as virgens.”* O dragão, que já considerava o dragueiro um amigo, concordou. Esta é a terceira cena do tríptico. Nela, vemos o dragão na aldeia à luz do dia, ao lado de Miguel, conversando com os aldeões, frente a frente, sem confronto. Desde então, o dragão foi integrado àquela comunidade e passou a morar lá, protegendo seus moradores e se alimentando da caça que fazia na floresta em conjunto com os aldeões.



## Com o livro na mão

Levantei os olhos do livro.

Em pé, na frente daquela estante, uma nova e incrível face de meu avô se revelava. Além de tudo que me ensinou, aliás, como diria, me ensinou a aprender, o avô Estevão deixara um livro para que eu me alimentasse, agora na sua ausência.

Aos noventa e nove anos, faltando quinze dias para chegar aos cem, ele simplesmente sorriu, fechou os olhos e se foi em uma das cenas mais belas e impressionantes que já vi. Esperou que todos chegassem ao quarto daquele hospital em Botafogo, inclusive os que vinham de São Paulo, e, com todos os netos, filhos e noras ao lado, finalizou seu intenso ciclo de vida de quase um século.

O amado Estevão era um educador. Apesar de um início difícil e pobre, construiu um grande e admirado grupo educacional com escolas e faculdades. Era comum, ao passear com ele no calçadão de Ipanema, ver as pessoas interrompendo uma corrida ou caminhada para sorrir e exclamar: Professor!

Tinha um estilo muito particular: ora ele nos mantinha muito próximos, ora ele se distanciava e mergulhava em seu interior. Percebo que com isso conseguia ver o mundo de uma forma diferente, plena. Sabia amarrar a razão com a intuição. "*Olhos fechados me ajudam a ver melhor*", dizia Estevão quando eu, ainda garoto, interrompia algum de seus íntimos momentos.



Um vento quente entrou pela janela do escritório. O ar úmido da mata atlântica ocupou os meus pulmões. Precisei respirar fundo para ajudar a digerir o que ali acontecia.

Estevão foi muito mais do que um avô de visitas de obrigação, aquelas em que a pressa de ir embora faz o relógio atrasar e a eternidade se dá em cada minuto percorrido. As visitas em sua casa eram frequentes e alongadas pela prosa, afetos e gostosuras da vovó. Naquele tempo, a avó não olhava para trás, procurando despistar uma saudade. Seus olhos eram intensos e presentes. Sublimes momentos com aquele casal de velinhos. Agora, sem seu companheiro ao lado, a luz de outrora se esvaía. Como em uma vela que vai ficando ao cotoco, cuja própria chama se consome, sem lume, enfraquecida, esparramada em si. Antes, eram como Lua e Sol, Vênus e Marte, goiabada e queijo.

Pura inspiração, suas palavras encaixavam nas situações como chave na fechadura, mas aquele livro havia ultrapassado qualquer expectativa. Meu avô havia se superado e me deixado, além de surpreso, repleto de dúvidas e curiosidades. Quais eram seus objetivos ao fazer isso? Do que se trata *O Livro da Liberdade*? Que estória é essa de dragão? Atônito, fechei o livro. Retirei-me açodadamente e pouco me lembro de ter-me despedido da avó.

Eram oito horas da manhã e em trinta minutos eu teria uma importante reunião na empresa. Havia três anos que decidira empreender ao criar uma marca de calçados. A marca cresceu rapidamente e o negócio exigiu grandes somas de capital para continuar



expandindo. Foi aí que os tropeços se iniciaram. Um sócio investidor entrou no negócio e o convívio com ele se abeirava do abominoso. Ao aproximar-me do escritório, um frio na barriga começava a incomodar. O prazer de trabalhar esvaía-se, os sonhos davam lugar à obrigação, padecia-me ir ao trabalho.

A verdade era que, com a entrada dele, eu não me sentia mais dono. Transformei-me em um empregado de luxo, tudo era questionado. Na intenção de mostrar poder, tudo por ele era intrometido. Sufocado pelo convívio, a vontade que emergia era de desaparecer.

Saí do táxi, na porta do edifício comercial, e, ao entrar no elevador, encontrei a gerente de marketing.

— Bom dia, está tudo bem com você, Tobias? O seu rosto está pálido!

— Tudo bem, querida. Apenas acordei um pouco indisposto, mas vai passar.

— Queria lhe informar que ontem fechei contrato com uma nova influenciadora digital, uma das que o Juarez indicou. Não tínhamos orçamento para novos contratos, mas ele me deu mais verba.

— Parabéns, Bruma. Falamos depois.

O frio na barriga já tinha se expandido para todo o corpo. O sócio Juarez se intrometia em todas as atividades. Nunca vira investidor que dá expediente, indo trabalhar todos os dias no escritório, participando de reuniões com todas as áreas. Ele estava se posicio-





nando como presidente da empresa, decidindo sem ao menos me envolver. Sinceramente, sentia-me um peixe fora d'água.

— Bom dia a todos — falei ao chegar um minuto antes da hora marcada.

A sala encontrava-se cheia, com toda a diretoria reunida. Eu havia convocado uma reunião de alinhamento de metas para o mês seguinte e, como já era de se esperar, na cabeceira da mesa sentava-se o imperador, digo, o investidor. A reunião começou e seu rumo parecia se dar sem anormalidades, mas era como se eu não estivesse ali. Meus pensamentos viajavam por outros lugares, apenas meu corpo jazia naquela sala. Silenciosamente, dizia a mim mesmo o quanto me sentia preso, como em um aquário, delimitado por aquelas paredes de vidro cuja transparência não abreviava o sufocamento.

— Tobias, Tobias! Você está bem? — quase gritou a diretora comercial, dando-me um susto.

Eu não estava bem e também não estava ali, naquela sala. Assustado, reagi dando pistas da fragilidade:

— Estou bem, Nísia, apenas um pouco tonto. Por favor, toca a reunião para mim? Alinhem entre vocês e depois me comunique o que decidiram, pode ser?

Saí da sala de reunião e parti em direção à porta principal. Ao chegar no elevador percebi que *O Livro da Liberdade* não havia abandonado as minhas mãos desde que saíra da casa de minha avó.



Distante da empresa, vagava sem rumo pelas movimentadas calçadas de Ipanema. O cheiro de maresia me fez acordar. Ondas agitadas lançavam o aroma de sal até mim, a três quarteirões de distância da praia. Aceitei o convite do mar e caminhei em sua direção. Com os pés na areia, sentei-me aliviado.

AMOSTRA

## CAPÍTULO II



# Os dragões

AMADO TOBIAS, VOU CONTINUAR FALANDO-LHE DE DRAGÕES. Talvez você esteja se perguntado o porquê, mas em breve entenderá. O dragão é um dos primeiros mitos criados pela humanidade. Há cerca de quarenta mil anos antes de Cristo, na Austrália, aborígenes pré-históricos já faziam dragões em suas pinturas rupestres. Essas criaturas estão presentes na cultura dos mais diversos povos e civilizações. Normalmente eles são grandes, possuem características reptilianas e bem assustadoras, mas as histórias de dragões sempre trazem algum significado. O simbólico dragão chinês, por exemplo, representa a essência humana e a busca pela evolução espiritual. O dragão de São Jorge, muito presente na cultura brasileira, representa o mal que precisa ser destruído pelo santo guerreiro. Por trás de um mito há sempre uma vivência interior.



Outra imagem também frequente é a do conflito entre a águia e a serpente. A águia em um voo espiritual e a serpente ligada à terra. Esse conflito, quando experimentado por alguém, torna possível a fusão entre os dois, emergindo o esplêndido dragão, uma serpente com asas representando as qualidades físicas e espirituais reunidas em um só ser, viabilizando todas as potencialidades. Mais recentemente, ficaram famosos em todo o planeta, os dragões dos filmes de Harry Potter. Lembra-se do lema da escola medieval de Hogwarts? “*Draco Dormiens Nunquam Titillandus*” (“*Nunca faça cócegas em um dragão adormecido*”).

O dragão da estória que lhe contei era grande e assustador, os aldeões queriam matá-lo a qualquer custo, mas não foi a morte do dragão que salvou a aldeia. Por isso, querido Tobias, peço que reflita sobre uma questão essencial:



*O que o dragão representa para você?*

Qual foi o papel do sábio dragoeiro nessa estória que lhe contei?

## Na areia

Sentado na areia branca, vi que alguns barquinhos coloriam o horizonte. A água esverdeava a paisagem e, juntamente com o azul do céu, criavam um belo acabamento. Ainda assim, a paz daquele



cenário não se fazia presente em meu interior. As palavras daquele livro geraram um maremoto mental e meu coração pulsava como uma sinfonia, febril tal qual à nona de Beethoven.

Percebi-me aprisionado. Ao lembrar da sala de reunião, senti seu significado: um aquário, sufocante aquário que impõe a saída açodada para respirar. Empresário bem-sucedido e preenchido de mim, pensava-me livre, dono das escolhas, senhor das ideias. Ledo engano, ingênuo de saber das amarras invisíveis. O quão livres realmente somos? Onde está a minha liberdade? Mais incômodos começaram a crescer dentro de mim, percebi-me com um dragoeiro acuado, despercebido. Será o Juarez um dragão do mal que preciso aniquilar? Os anos de dedicação e esforço para construir a empresa seriam em vão? Agora que a marca ascendia e era reconhecida, eu me sentia algemado à minha própria criação. Quanta injustiça!

O respirar frenético alongava-se em conjunto com a ligeireza do piscar de olhos, e a ponta do nariz coçava insistentemente. Milhares de cenas se passaram em mim, como num filme em modo acelerado. Em segundos, pude ver o evento de lançamento da marca, as primeiras pessoas contratadas, a primeira vitrine, os desfiles. Tudo se passava como um grande recordar, quando o celular vibrou em meu bolso e me fez acordar daquela tempestade de pensamentos. Percebi que já havia passado das dez horas da manhã e que havia uma grande quantidade de mensagens aguardando resposta, além de algumas ligações não atendidas feitas pela Nísia.



Fechei os olhos, respirei o perfume do mar e deixei as emoções se organizarem paulatinamente. Mais calmo, retornei a ligação:

— Alô, Nísia, tudo bem? Há algum problema em que eu possa ajudar? — tentei transmitir uma serenidade que não existia.

— Oi, Tobias. Os resultados da empresa não estão bons, mas o maior problema agora não é com a empresa. Você é quem está com problemas. Vamos tomar um café? Onde você está? — disse, como se estivesse à frente de um batalhão do exército.

Com um sorriso no rosto, senti aquela ordem como um abraço e respondi carinhosamente:

— Claro, minha amiga. Nos encontramos no Mônica Café em quinze minutos, ok?

A Nísia me conhecia muito bem. Fomos colegas de trabalho no passado e, ao fundar a empresa, ela foi a primeira pessoa em quem pensei convidar para trabalhar. Seus olhos azuis brilham garra e seu jeito de general é pura superfície. Sua postura corporal transmite altivez, mas, por dentro, é uma amiga cuidadosa com poderosa empatia. Algumas vezes não era preciso palavras em nossas conversas. Simples olhares já se faziam suficientes. Fato que se tornou uma vantagem quando estávamos em uma mesa de negociação; nossa sintonia e comunicação não verbal se tornavam grandes aliados.

A vontade de encontrá-la serviu de alavanca. Levantei e procurei tirar o máximo possível da areia fina e branca que dominava a roupa. No entorno, vi crianças, jovens, adultos e idosos em plena



atividade: castelinhos de areia, frescobol, futevôlei, yoga. Uma linda cena praiana. O sol de outono irradiava um calor gostoso, sem a sua costureira fúria de verão. As árvores estavam nuas e um tapete de folhas recheava suas raízes. O sorriso, que havia visitado o meu rosto, acentuou-se e trouxe-me uma certa paz.

Atravessei a Avenida Vieira Souto em direção ao charmoso Mônica Café, um espaço com um perfume do passado, cardápio rico em sabores e decorado com balanças e artefatos antigos. No fundo da loja estava a Nísia, sempre majestosa e impecável, como se tivesse saído de um salão nobre. Trocamos olhares e, sem palavras, recebi um forte e demorado abraço.

O silêncio nos acompanhou por algum tempo naquela pequena mesinha no fundo da cafeteria. Reflexivo, lembrei-me do costumeiro conselho de um antigo e querido chefe: aproveite a energia que reside no silêncio; não tenha medo dele. Deixei, então, o vazio de palavras cumprir seu papel enquanto ela apenas olhava carinhosamente para mim, quando, então, sussurrei:

— Está difícil.

— Tobias, meu amigo, o que está acontecendo com você? Tá na cara que você não suporta mais o Juarez, estou certa? — disse Nísia.

— Não consigo nem mais olhar pra cara dele. Tenho uma sensação de náusea quando estou próximo. Não sei o que fazer — desabafei.

— Entendo, você tem razões para se sentir assim. Mesmo depois desse monte de conversas que vocês tiveram, não mudou



nada? — perguntou Nísia, já sabendo do histórico de tentativas desafortunadas para melhorar a relação.

— Nada mudou, Nísia. Ele age como se eu não existisse, toma decisões sozinho que deveriam ser compartilhadas e que podem prejudicar a empresa. Ele não conhece desse negócio — esbravejei.

Nísia, com seu característico trejeito de nórdica condessa, tomou seu gole de café delicada e demoradamente, concluindo em seguida:

— Tobias, eu estou com você desde os primeiros passos dessa empresa. Sou fiel e o que decidir eu vou junto, mas preste atenção. Será que você está agindo da melhor forma? Se não é possível mudar o Juarez, é possível mudar a forma como você reage às atitudes dele. Quando você saiu da reunião e o deixou lá dando as ordens, qual foi a sua contribuição para melhorar a situação?

Minha xícara ainda estava intacta e o café frio me aguardava. Os olhos da Nísia revelavam genuína vontade em ajudar, mas suas palavras tiveram o impacto de um soco certeiro. Minhas certezas se derreteram como um sorvete ao sol quente.

— Atue com sabedoria, Tobias. Conte comigo! — desta forma, ela finalizou o assunto e iniciou uma agradável prosa sobre filhos e outros temas pessoais.

A conversa se estendeu até a hora do almoço e tornou aquele final de manhã um afago para as minhas perturbações, até que as demandas do trabalho nos chamaram de volta ao escritório da empresa.





O dia transcorreu sem maiores oscilações. Ao voltar para casa exausto e deparar-me com o filhote já dormindo em seu quarto, o corpo me pedia um banho quente e um mergulho direto na cama. Mas senti um impulso interior impossível de ignorar, precisava retomar a conversa com meu avô e, por isso, abri novamente **O Livro da Liberdade.**

AMOSTRA

